

As Contribuições da Disciplina “Terapias Complementares Com Ênfase em Plantas Medicinais” na Prática Profissional dos Enfermeiros

Contributions of the Discipline “Complementary Therapies with Emphasis on Medicinal Plants” in the Nurses’ Professional Practice

Contribuciones de la Asignatura “Terapias Complementarias, com Ênfasis em Plantas Medicinales” em la Práctica Profesional de Lãs Enfermeras

Ana Carolina Padua Lopes^{1*}, Teila Ceolin², Silvana Ceolin³, Caroline Vasconcellos Lope⁴

Como citar este artigo:

Lopes ACP, Ceolin T, Ceolin S, *et al.* As contribuições da disciplina “terapias complementares com ênfase em plantas medicinais” na prática profissional dos enfermeiros.. 2018 jul./set.; 10(3):619-625. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i3.619-625>

ABSTRACT

Objective: The study’s aim has been to analyze the contributions of the elective discipline “Complementary therapies with emphasis on medicinal plants” in the nurses’ practice that have graduated from the Nursing School at *Universidade Federal de Pelotas*. **Methods:** It is a descriptive-exploratory research with a qualitative approach. Data were collected from September to October 2015, totaling 12 participating nurses. **Results:** The results show the importance of the discipline in professional practice and in the participants’ family context. The nurses highlighted the theoretical and practical support of the discipline for the applicability of complementary therapies and medicinal plants in daily work practice. Nonetheless, they reported several difficulties for its application, among them the lack of protocols, the discontinuity of care by colleagues and the lack of in-depth knowledge of the theme. **Conclusion:** It is essential implementing changes in the education of universities in order to provide qualified training and qualified professionals willing to work in this area, and then applying comprehensive care and strengthening the health system.

Descriptors: Curriculum, Professional practice, Complementary therapies.

¹ Enfermeira Residente do GHC. E-mail: kaupadualopes@yahoo.com.br. Endereço: Avenida Protásio Alves, 5594, 304. Bairro Alto Petrópolis, Porto Alegre, RS, Brasil, CEP 91310-000.

² Profª Drª da Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: teila.ceolin@gmail.com.

³ Doutoranda em Enfermagem, UFPel. Doutoranda em Ciências da Saúde, Universidade de Alicante (Espanha). E-mail: silvanaceolin@gmail.com.

⁴ Enfermeira da ESF Vila Princesa, Pelotas-RS. Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - UFPel. E-mail: carolinevaslopes@gmail.com.

RESUMO

Objetivo: O estudo tem o objetivo de analisar as contribuições da disciplina optativa “Terapias complementares com ênfase em plantas medicinais” na prática dos enfermeiros egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. **Método:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter exploratório com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados em setembro e outubro de 2015, totalizando 12 enfermeiros. **Resultados:** Mostram a importância da disciplina na prática profissional e no contexto familiar dos participantes. Os enfermeiros destacaram o suporte teórico e prático da disciplina para a aplicabilidade das terapias complementares e plantas medicinais no cotidiano laboral. Contudo, relataram diversas dificuldades para sua aplicação, dentre os quais a falta de protocolos, a descontinuidade do cuidado nessa linha por colegas e a carência de conhecimento aprofundado da temática. **Conclusão:** Mudanças na educação das universidades são necessárias a fim de formar profissionais capacitados e qualificados para atuarem nessa área, aplicando o cuidado integral e fortalecendo o sistema de saúde.

Descritores: Currículo, prática profissional, Terapias complementares.

RESUMEN

Objetivo: Analizar las contribuciones de la asignatura optativa “Terapias complementarias, con énfasis en plantas medicinales” en la práctica de los enfermeros egresados de la facultad de enfermería de la Universidad Federal de Pelotas. **Método:** Investigación cualitativa realizada con 12 enfermeros en el año 2015. **Resultados:** Se evidenció la importancia de la asignatura en la práctica profesional y en el contexto familiar de los participantes. Las enfermeras destacaron el soporte de la asignatura para la aplicabilidad de las terapias complementarias y plantas medicinales en su trabajo. Sin embargo, reportaron dificultades en su aplicación, tales como la carencia de protocolos, la discontinuidad del cuidado y la falta de profundidad del conocimiento en esta temática. **Conclusión:** Se requieren cambios en los planes de estudio de las universidades para formar profesionales expertos, capaces de actuar en este ámbito. Esto se traduce en calificación de la atención y fortalecimiento del Sistema Único de Salud.

Descriptores: Plan de estudios, La práctica profesional, Terapias complementarias.

INTRODUÇÃO

Tratamentos tradicionais vem sendo usados em diversas doenças de forma eficaz desde os primórdios da civilização, sobrevivendo até hoje.¹ Reconhecendo o amplo uso desses tratamentos, a Organização Mundial da Saúde preocupa-se com a qualidade e segurança na oferta de produtos e práticas alternativas e complementares, incentivando a regulamentação e criação de políticas nacionais nesse âmbito.²

Nas últimas décadas, pesquisas no campo da medicina complementar e alternativa estão revelando os mecanismos de ação e eficácia deste tipo de tratamento.¹ Ao lado disso, estudos realizados em países, como Estados Unidos, Reino Unido e Israel, indicam o interesse dos acadêmicos no ensino das plantas medicinais e terapias complementares.³ Isso demonstra a necessidade de investir em discussões sobre o tema, tanto na formação acadêmica, quanto na prática profissional dos enfermeiros e demais

profissionais da saúde, visto que é durante o período de graduação que se adquirem os conhecimentos básicos necessários sobre o processo saúde-doença e se desenvolve o interesse pela futura área de atuação.⁴⁻⁵

Apesar da popularidade das plantas medicinais e terapias complementares entre acadêmicos e profissionais da área da saúde e, também, entre a população, a temática não está incluída nos currículos das universidades ao redor do mundo.⁶ Muitos cursos da área da saúde ainda possuem currículos construídos sobre as bases do modelo biomédico, dificultando a inserção de conteúdos como plantas medicinais e fitoterapia, conseqüentemente, o processo de trabalho dos profissionais mantém características deste modelo.

Contudo, já é possível observar algumas iniciativas, como disciplinas curriculares ou optativas sobre o tema⁷, cursos de capacitação⁸, ou recomendações em relação a abordagem e conteúdo para ensino dessa temática³. Além disso, há um rápido crescimento na literatura sobre o uso da medicina alternativa e complementar em diversas situações e doenças.³ Estas atividades constituem-se em iniciativas promissoras à qualificação dos profissionais sob a perspectiva da integralidade em saúde. Em conformidade com esta perspectiva, a Faculdade de Enfermagem (FEn) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) ofertou uma disciplina optativa “Terapias complementares com ênfase em plantas medicinais” aos alunos da graduação nos semestres 2011/1 e 2012/2. A disciplina abordou diversas terapias complementares, dentre elas, plantas medicinais, Reiki, acupuntura, homeopatia, termalismo, além de proporcionar visita ao horto de plantas medicinais e oficinas abordando formas de preparo e diferentes usos das plantas.

O objetivo deste estudo é analisar as contribuições da disciplina optativa “Terapias complementares com ênfase em plantas medicinais” na prática dos enfermeiros egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

MÉTODOS

Tratou-se de um estudo descritivo, de caráter exploratório com abordagem qualitativa.⁹ Os participantes foram 12 enfermeiros graduados na Faculdade de Enfermagem/UFPel, que concluíram a disciplina optativa “Terapias complementares com ênfase em plantas medicinais”.

A disciplina foi ofertada aos graduandos da UFPel, em dois semestres (2011-1 e 2012-2), totalizando 24 concluintes. Destes, 12 aceitaram participar do estudo, sendo três da turma 2011-1 e nove da turma 2012-2. A coleta de dados ocorreu entre setembro e outubro de 2015 e foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, com 13 questões (abertas e fechadas) sobre a disciplina, formação acadêmica e conhecimento sobre PMTC, além de informações sobre o perfil dos participantes. Seis participantes responderam de

forma presencial, nos domicílios localizados no município de Pelotas e seis de forma autoaplicada, enviando por correio eletrônico. A fim de preservar a identidade, os participantes foram identificados como enfermeiro 1, enfermeiro 2 e assim consecutivamente.

A análise de dados foi desenvolvida utilizando a proposta de Taylor e Bogdan.⁹ O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, parecer nº 1.269.001.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação de 12 enfermeiros, sendo sete do sexo feminino. A faixa etária oscilou entre 24 e 56 anos. O tempo de conclusão da graduação variou de oito meses a quatro anos. Dentre os participantes, dois não estavam atuando, dois estavam fazendo residência em Saúde Pública em Unidades Básicas de Saúde, quatro trabalhavam em hospitais (um destes como técnico de enfermagem) e um na 3ª Coordenadoria Regional de Saúde, dois estavam fazendo pós-graduação e um atuava em uma escola técnica de enfermagem como docente.

No Brasil, um estudo¹⁰ transversal avaliou a inclusão dos cursos de fitoterapia e terapias complementares nos currículos da graduação de cursos da área da saúde de Universidades Federais de todo o Brasil. Os dados obtidos mostraram que 36 Universidades Federais oferecem cursos optativos em plantas medicinais e fitoterapia. Dentre todas as instituições, há 47 programas de graduação em Enfermagem, sendo que destas apenas 20 oferecem disciplinas em Plantas Medicinais e Fitoterapia, dentre elas uma era obrigatória e 19 optativas.

Os participantes da presente pesquisa acreditam que disciplinas nessa temática contribuem na formação acadêmica, porém, geralmente não integram a grade curricular das universidades, conforme relatos que seguem:

[...] é uma especificidade que a gente não tem direito na graduação, então tu busca, alguma outra disciplina que amplie teu conhecimento, com certeza teve contribuição na minha formação. (Enfermeiro 1)

Contribuiu bastante, de forma que foi um dos poucos espaços dentro da formação acadêmica que eu tive a oportunidade de vivenciar essas questões das terapias complementares. (Enfermeiro 7)

Estes relatos retratam a importância que os participantes atribuem à disciplina cursada, diante da realidade acadêmica na qual estavam inseridos, que não integra as terapias integrativas e complementares ao currículo. Corroborando com estes resultados, uma pesquisa realizada¹⁰ indicou que há um pequeno número de cursos em fitoterapia e plantas medicinais no currículo de cursos da área da saúde e que,

apesar disso, fica claro que os acadêmicos e profissionais da área da saúde estão interessados nessa temática.

Estas evidências tornam visível a necessidade das universidades incluírem em seus currículos, disciplinas voltadas para o estudo das plantas medicinais, com o objetivo de formar profissionais que valorizem as práticas populares em saúde e que possam atender a população de forma integral.¹¹ Em países da Europa, as práticas integrativas e complementares já estão inseridas nos currículos das escolas de saúde há bastante tempo. Na Alemanha, desde 2003, por exemplo, já há uma carga horária destinada a estas práticas. Na Espanha, são oferecidos mestrados em terapias complementares para médicos e enfermeiros.¹²

A maioria dos cursos de graduação da área da saúde não discute acerca das terapias complementares e do sistema popular de cuidado à saúde, refletindo na atuação do profissional, que dificilmente irá valorizar e integrar estas práticas de cuidado.¹³ Diante disso, mudanças são necessárias na educação provida pelas universidades, pois sem a inclusão de certos tópicos na grade curricular, torna-se difícil obter e manter profissionais qualificados nesta área.¹⁰ Sendo assim, é preciso formar o acadêmico com pensamento crítico, habilitado para identificar situações, formular contradições e conseguir solucioná-los dentro de suas complexidades.⁴

Com o aumento da procura pelas terapias complementares, fica explícita a importância desses conteúdos estarem inclusos ao longo da formação acadêmica. A inserção dessa temática auxilia na formação de um profissional potencialmente capacitado para trabalhar na prevenção e promoção de saúde da população.

O crescimento da utilização das terapias complementares também está refletido na prática individual e familiar dos participantes da pesquisa, de acordo com os seguintes relatos:

[...] lá em casa, mesmo agora, a gente só usa o sal com ervas, a infusão, xarope, eu uso muito xarope pra minha filha, pra mim. (Enfermeiro 3)

[...] a indicação era aquilo passado de mãe pra filha, tanto que o que minha mãe sabia, ela tinha aprendido com a mãe dela, no caso (Enfermeiro 7).

Dos 12 participantes do estudo, dez referiram que as plantas medicinais são a terapia mais utilizada no cotidiano. Os discursos dos participantes destacam que seu conhecimento sobre plantas medicinais e terapias complementares é predominantemente familiar. A partir do saber adquirido na disciplina, o empregam no cuidado entre os membros da família, como relata a enfermeira³, que utiliza xarope, entre outros preparados, para cuidar da filha. A utilização das terapias complementares no cuidado individual e familiar ainda é pautada no conhecimento empírico, conforme foi observado no relato do enfermeiro⁷.

As informações são propagadas oralmente entre os membros da família quanto a hábitos e cuidados em saúde, como o uso de plantas medicinais. A família é um sistema que forma um modelo de saúde-doença através dos valores, crenças, conhecimentos e práticas, desenvolvendo sua própria dinâmica de funcionamento promovendo a saúde, prevenindo e tratando a doença.¹⁴

[...] desde a escolha dos alimentos, na desmedicalização, a qualquer sintoma já recorrer a algum remédio, isso tanto pra mim, quanto na minha família. [...] Não é também substituir, como eu havia dito antes, por uma planta medicinal, mas são outros tratamentos, outras formas alternativas para a utilização da terapia. (Enfermeiro 5)

Além do relato de utilizar as terapias complementares para si e sua família o relato do enfermeiro 5 demonstra a consciência de que uma terapia não exclui a outra, podendo ser utilizadas de forma complementar.

As terapias complementares são práticas terapêuticas que possibilitam a complementação da prática alopática tradicional. A enfermagem, atuando diretamente com os usuários, possui as ferramentas necessárias para tornar essa prática efetiva, adequando e direcionando o cuidado.¹⁵

Por isso a relevância de inserir disciplinas sobre terapias complementares e plantas medicinais na grade curricular, pois o profissional torna-se mais capacitado e multiplicador do saber, com embasamento científico, o que é justificado a partir do que disseram os participantes:

[...] Os conhecimentos oriundos da disciplina puderam me embasar científica e teoricamente para usar de forma correta, principalmente as plantas medicinais, possibilitando assim multiplicar esse conhecimento à toda rede de amigos e familiares. (Enfermeiro 4)

[...] O conhecimento obtido cientificamente fortaleceu o meu saber para embasar a prática profissional, deixando de ser um conhecimento apenas empírico. (Enfermeiro 12)

[a disciplina] ajudou a quebrar essa visão da família, da casa, que o chá não faz mal nenhum, que o chá toma de qualquer jeito. (Enfermeiro 1)

Corroborando com a fala do enfermeiro 1, um autor¹⁶ afirma que plantas medicinais e produtos naturais são farmacologicamente ativos, possuem contraindicações, além de poder ter interação medicamentosa com medicamentos comumente utilizados pela população. A partir disso, é necessário que os profissionais tenham conhecimento sobre as plantas medicinais mais utilizadas pela população acompanhada, além de estarem preparados para conversar com os usuários sobre essa temática.

A ausência ou pouca comunicação entre profissionais da saúde e usuários dos serviços, sobre as terapias

complementares é perigosa, particularmente quando plantas medicinais e produtos naturais são utilizados.¹⁶ Nesse sentido, a interação profissional-usuário torna-se necessária, visando o uso racional dessas terapias e a melhora na qualidade de vida do usuário. Tal interação, no entanto, deve valorizar e respeitar as especificidades e conhecimento trazido pelo usuário, uma vez que se busca o cuidado integral.²

Muitos profissionais evitam perguntar sobre a utilização das terapias complementares, assim como muitos usuários a omitem, o que gera um uso sem supervisão, acarretando riscos aos usuários.¹⁶ A participação do enfermeiro nesse processo é importante, visando a integração entre o conhecimento popular e o científico, possibilitando ao indivíduo e a sua família autonomia em relação ao cuidado em saúde.¹⁴

Apesar da ampla utilização das terapias complementares no cuidado individual e familiar, o mesmo não se observa na prática cotidiana de trabalho desses enfermeiros, pelos mais diversos motivos, conforme relatos que seguem:

Nunca usei para paciente, mas lá em casa todo mundo usa, [...] usei bastante os conhecimentos, dentro da minha residência. (Enfermeiro 3)

No hospital, eu não utilizo na prática. Assim que eu me lembre, eu nunca utilizei, até quando eu estava na maternidade, a gente mais proibia a entrada de chás, porque as mães gostam de chazinho, a gente mais proibia assim, porque dentro do hospital é restrito. (Enfermeiro 10)

O pouco conhecimento sobre as terapias apresenta-se como um fator limitante de seu uso no cotidiano laboral e, apesar de favoráveis ao seu uso, os mesmos não se sentem confortáveis em orientar os pacientes sobre, porque acreditam ainda haver déficits no ensino nessa área na academia.¹⁷

Os enfermeiros 5, 6 e 9 confirmam a necessidade de um aprofundamento para sentirem-se aptos a orientar sobre plantas medicinais e terapias complementares, conforme as seguintes falas:

[a disciplina] deu o básico e o estímulo necessário, vai depender agora de cada profissional, ou se fosse o caso de eu estar atuando, eu teria que ter um complemento, mais estudo, um aprofundamento do estudo, mas ela foi essencial pra dar o estímulo. (Enfermeiro 5)

[a disciplina instrumentalizou para a prática] de certa forma, porém, ainda não sinto uma segurança efetiva para aplicar as terapias complementares na prática profissional. (Enfermeiro 9)

[...] eu não me sinto totalmente apta para realizar uma indicação, sei que eles existem, sei onde procurar. (Enfermeiro 6)

Autores¹⁸ afirmam que o desconhecimento dos profissionais sobre as práticas integrativas e complementares é um dos fatores que faz com que não se incentive o uso das mesmas. Esse desconhecimento também pode ser considerado responsável por, apesar de apoiarem as PIC e mostrarem interesse por elas, os profissionais restrinjam a atenção primária.

Nesse sentido, evidencia-se a importância da oferta de disciplinas ao longo da formação acadêmica, mas também cursos, especializações e outros meios que empoderem os profissionais interessados em utilizar as terapias complementares no cuidado integral da população e consequente para o fortalecimento do SUS. Percebe-se que há movimentação dos profissionais nesse sentido, pois ao serem questionados sobre se motivação para ampliar o conhecimento sobre o tema, responderam o seguinte:

No futuro, quem sabe ainda realizarei uma especialização. (Enfermeiro 11)

Comprei um livro de plantas medicinais, penso em talvez fazer uma especialização nessa área. (Enfermeiro 7)

[após realização da disciplina] tenho vontade de fazer o mestrado voltado as plantas. [...] O caderno de atenção básica do Ministério da Saúde que eu ganhei, dou uma olhada [para tirar dúvidas]. (Enfermeiro3)

O enfermeiro 7, também traz acerca importância do respaldo teórico ao orientar sobre as plantas medicinais:

[...] Eu sempre tento utilizar a RDC 10, que traz 66 plantas medicinais pra serem utilizadas, da RDC que eu me sinto mais seguro de abordar, porque ela é aprovada pela ANVISA, então ela tem indicação, contraindicação, dosagem. (Enfermeiro 7)

A RDC nº 10¹⁹ e o Caderno de Atenção Básica² citados pelos participantes são iniciativas recentes que se configuram como importante ferramenta para respaldar a assistência. Estes também são documentos que buscam estimular a implantação de novas políticas no SUS, além de melhoria do acesso da população a produtos e serviços seguros e de qualidade. A RDC apresenta 66 espécies vegetais com alegações terapêuticas, forma(s) de uso, quantidade a ser ingerida e os cuidados e restrições ao seu uso, amparado no uso tradicional, podendo ser indicada por profissional com conhecimentos necessários, drogas vegetais são produtos isentos de prescrição médica. Essa resolução é um marco regulatório para a produção, distribuição e uso das plantas medicinais, de modo a garantir e promover a eficácia e qualidade dos produtos oferecidos pelo sistema.

O Caderno de Atenção Básica nº 31², sobre “Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica”, lançado em 2012, visa sensibilizar e

orientar gestores e profissionais da saúde na formulação e implantação de políticas, programas e projetos, além de estruturar e fortalecer a atenção em fitoterapia e plantas medicinais.

Outro fator que influencia na prática dos enfermeiros, é a não utilização das terapias complementares por outros profissionais da equipe de saúde, dificultando a continuidade do cuidado, fato que se pode constatar na fala do enfermeiro 7:

[...] tu faz toda uma abordagem com o paciente, só que os outros profissionais, principalmente, os médicos, não trabalham nessa linha que tu aborda, o que acaba atrapalhando esse processo, porque tu faz toda uma orientação e daí ele chega no teu outro colega, e ele fala isso aí não é nada, tu tem que tomar o remédio, tu tem que fazer isso, isso dificulta um pouco o processo. (Enfermeiro 7)

Muitos médicos são resistentes ao uso das terapias complementares, pois estas não estão tipicamente incluídas nas grades curriculares e outros vêem como algo a ser aprendido à parte.¹⁶ Isso pode estar relacionado à formação acadêmica dos profissionais de saúde, estar focada no modelo biomédico, o que repercute diretamente no processo de trabalho dos profissionais e, assim, mesmo que algumas áreas se direcionem à forma integral de cuidado, outras permanecem centradas na medicalização.²⁰

Os enfermeiros entrevistados referiram sobre a importância de seguir protocolos e fontes seguras de pesquisa:

[...] Atuo em um hospital privado, onde a prática profissional é organizada por meio de Procedimentos Operacionais Padrão (POP) e até o momento não são utilizadas as terapias complementares, porém, considero importante a implementação destas nas rotinas institucionais. (Enfermeiro 11)

[...] Hoje em dia se trabalha muito com protocolos na atenção primária a saúde, protocolo pra queixa tal, protocolo pra isso, e nesses protocolos muito raramente tu vai encontrar uma indicação das práticas integrativas. (Enfermeiro 7)

A fala dos Enfermeiros 11 e 7 destaca um ponto importante para discussão, pois em muitos serviços os profissionais estão condicionados a seguir protocolos para realização do cuidado. Esse “enquadramento” gera uma dinâmica de trabalho na qual dificilmente os profissionais irão abordar o indivíduo inserido em seu contexto cultural, conforme prevê o princípio da integralidade do SUS. Nesse sentido, a utilização das terapias complementares na prática profissional, é observada com maior frequência na atenção primária à saúde, fato que pode ser constatado nas falas a seguir:

Talvez, se fosse trabalhar na assistência comunitária, certamente o teria feito [ampliado os conhecimentos sobre a temática]. (Enfermeiro 12)

[...] quando eu fiz meu último estágio na UBS eu tive um pouco mais de oportunidade de usar o que eu aprendi, agora no hospital a gente não usa. (Enfermeiro 10)

A inserção das práticas integrativas e complementares no SUS valorizam recursos e métodos não biomédicos relativos ao processo saúde-doença, além de enriquecer estratégias terapêuticas. Desse modo, o atual sistema público de saúde incorpora outros saberes e racionalidades de base tradicional, que passam a conversar com a lógica e os serviços convencionais da biomedicina.²¹

No município de Londrina, o Programa Municipal de Fitoterapia teve início em 2003, em 13 Unidades Básicas de Saúde da Zona Rural e uma UBS da Zona Urbana. Após passar por cinco ampliações, nos anos de 2003, 2005, 2008, 2010, 2011 e duas em 2012, o programa hoje conta com 45 UBS. Os produtos ofertados no começo compreendiam seis fitoterápicos e seis drogas vegetais, atualmente, são 32 fitoterápicos e seis drogas vegetais e o protocolo municipal está em sua terceira edição, publicada em 2012.²²

O aumento do uso de terapias complementares faz com que enfermeiros e outros profissionais da saúde precisem estar familiarizados, possibilitando assistir o indivíduo com uma abordagem integral, auxiliando a tomar decisões baseadas em informação científica²³, sem desvalorizar o saber popular. A partir dos debates atuais sobre o tema, assume-se como fundamental que os profissionais da saúde sejam formados tendo acesso ao núcleo básico das terapias alternativas e complementares, contudo, não é o que se observa na prática acadêmica.²⁴

A maior aplicação das terapias complementares na APS pode estar vinculada com os princípios de integralidade e práticas baseadas na prevenção e promoção da saúde que regem a atenção básica de saúde. Além disso, os profissionais que atuam nessa área possuem uma proximidade com o cotidiano das famílias, também são aqueles mais acessíveis à população e os mais conhecedores do saber popular.²⁵ Há também grande incentivo governamental para a aplicação das terapias complementares na saúde pública através de suas políticas e ações que buscam ampliar a oferta destas no SUS.

Com isso, percebe-se a importância da disciplina na prática profissional e familiar dos participantes, além de se verificar que houve um aumento pela procura por disciplinas e cursos que envolvem essa temática a fim de qualificar os profissionais, melhorar a qualidade de vida da população e fortalecer o sistema de saúde vigente. Contudo, os profissionais ainda encontram dificuldades para aplicar na prática profissional devido a descontinuidade do cuidado por parte de outros profissionais e também falta de protocolos sobre as práticas integrativas e complementares. Mudanças na formação tornam-se urgentes, através da inclusão, na

graduação e pós-graduação, de conteúdos sobre as terapias alternativas e complementares, formando profissionais menos céticos e preconceituosos e mais instrumentalizados para atuarem nessa área.

CONCLUSÃO

Em virtude do aumento do uso de terapias integrativas e complementares e de plantas medicinais, voltam-se os olhares para a necessidade da inserção desses conteúdos ao longo da formação acadêmica dos profissionais da área da saúde. A terapia mais utilizada dentre os participantes foi as plantas medicinais. O uso é pautado no conhecimento empírico, propagado de geração em geração, porém, o mesmo é mesclado com o conhecimento científico adquirido na disciplina. Apesar das plantas medicinais fazerem parte de um saber milenar repassado de geração em geração, este se encontra em constante construção. Isso implica diretamente na formação de profissionais capacitados e qualificados a assistir indivíduos de forma integral, fundamentada no conhecimento científico e que valorizem as práticas populares em saúde.

A utilização das terapias integrativas e complementares, entre os participantes dessa pesquisa, foi mais expressiva no cuidado familiar, do que na prática profissional, devido a vários fatores. Dentre eles destacam-se a ausência ou pouca comunicação sobre as terapias complementares entre profissional e usuário durante consultas, insegurança ao orientar sobre as terapias devido à falta de aprofundamento teórico, descontinuidade no cuidado utilizando as práticas integrativas e complementares por parte dos outros profissionais, além da falta de protocolos relacionados à essa temática.

O interesse dos acadêmicos e profissionais da área da saúde tem aumentado nos últimos anos, porém, isso ainda não se reflete nas disciplinas ofertadas nos cursos da área da saúde, visto o pequeno número de cursos e disciplinas disponíveis nas grades curriculares das universidades brasileiras. Por isso, é essencial que haja mudança na formação ofertada atualmente pelas universidades, pois a inclusão de disciplinas eletivas ou optativas sobre plantas medicinais e terapias integrativas e complementares formará profissionais qualificados a atuarem na área.

Portanto, a universidade sendo um centro formador do saber, tem o dever de participar da discussão sobre as terapias integrativas e complementares a fim de formar profissionais qualificados que atuem na melhora da qualidade de vida da população e fortalecimento do Sistema Único de Saúde.

REFERÊNCIAS

1. Al Mansour MA et al. Medical students' knowledge, attitude, and practice of complementary and alternative medicine: a pre- and post-exposure survey in Majmaah University, Saudi Arabia. *Advances in Medical Education and Practice*. 2015;6:407-20.
2. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, *Cadernos de Atenção Básica n.31 - Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

3. DeSylvia D, Stuber M, Fung CC, Bazargan-Hejazi S, Cooper E. The Knowledge, Attitudes and Usage of Complementary and Alternative Medicine of Medical Students. *Evidbasedcomplementaltern med.* 2011;1-5.
4. Alvim NAT, Ferreira MA, Cabral IE, et al. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. *Revlatiooamenferm.* 2006;14(3)
5. Trovo MM, Silva MJP. Terapias alternativas/complementares - a visão do graduando de Enfermagem. *Revescferm USP.* 2002;36(1):80-7
6. Alzahrani SH, Bashawri J, Salawati EM, Bakarman MA. Knowledge and Attitudes towards Complementary and Alternative Medicine among Senior Medical Students in King Abdulaziz University, Saudi Arabia. *Evid based complement altern med.* 2016:1-7.
7. Trovo MM, Silva MJP, Leão ER. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. *Rev latinoamenferm.* 2003;11(4):483-9.
8. Ceolin T, Ceolin S, Heck RM, et al. Relato de experiência do curso de Plantas medicinais para profissionais de saúde. *Rev Saúde Públ.* 2013;37(2):501-11.
9. Taylor SJ, Bogdan R. *Introducción a los métodos cualitativos de investigación.* 14ª ed. Barcelona: EspasaLibros; 2013.
10. Barreto BB, Silveira D. Inclusion of courses on phytotherapy in undergraduate curriculum of health-related courses. *J MedPlants Res.* 2014;8(47):1374-86.
11. Sena J, Soares MCF, Cezar-Vaz MR, et al. Visão docente sobre plantas medicinais como um saber e sua utilização como medicamento. *Revenferm UERJ.* 2006;14(1):196-201.
12. Salles LF, Homo RFB, Silva MJP. Situação do ensino das práticas integrativas e complementares nos cursos de graduação em enfermagem, fisioterapia e medicina. *Cogitareenferm.* 2014;19(14):741-6.
13. Ceolin S. O processo de educação em saúde a partir do diálogo sobre plantas medicinais: significados para escolares [dissertação]. Pelotas (RS):Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas; 2012.
14. Ceolin T, Heck RM, Barbieri RL, et al. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. *Revescferm USP.* 2011;46(1):47-64
15. Santos LF, Cunha AZS. A utilização de práticas complementares por enfermeiros do Rio Grande do Sul. *Revenferm UFSM.* 2011;1(3):369-76.
16. Karpa K. Development and implementation of an herbal and natural product elective in undergraduate medical education. *BMC Complement Altern Med.* 2012;12(57):1-10.
17. Hoellein AR, Lineberry MJ. A needs assessment of complementary and alternative medicina education at the University of Kentucky College of Medicine. *Medteach.* 2008;30(3):77-81.
18. Thiago SC, Tesser CD. Percepção de médicos e enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família sobre terapias complementares. *Rev Saúde Públ.* 2011;45(2):249-57.
19. Anvisa. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC nº 10, de 10 de março de 2010. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária. [acesso em 2015 jun 8]. Disponível em: <http://www.crn3.org.br/legislacao/doc/resolucao10_09_03_10.pdf>.
20. Souza ADZ, Mendieta MC, Ceolin T, et al. As plantas medicinais como possibilidade de cuidado para distúrbios urinários. *Revenferm UFSM.* 2014;4(2):342-9.
21. Andrade JT, Costa LFA. Medicina Complementar no SUS: práticas Integrativas sob a luz da Antropologia médica. *Saúde Soc.* 2010;19(3):497-508.
22. Londrina [homepage na Internet]. Londrina: Site da Prefeitura Municipal de Londrina. [acesso em 2015 jun 8]. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15351%3Ahistorico-do-programa&catid=9%3Aasau de&Itemid=1599&showall=1>.
23. Van Der Riet P, Francis L, Levett-Jones T. Complementary therapies in healthcare: design, implementation and evaluation of an elective course for undergraduate students. *Nurse educpract.* 2011;11(2):146-52.
24. Silva NCM, Iunes DH, Resck ZMR, et al. Estratégias de ensino das terapias alternativas e complementares na graduação em Enfermagem: revisão integrativa. *Rev eletrônica enferm.* 2013;15(4):1061-7.
22. L Araújo AKL, Filho ACAA, Ibiapina LG, et al. Difficulties faced by nurses on the applicability of phytotherapy in the basic attention: an integrative review. *R de Pesq: cuidado é fundamental Online.* 2015;7(3):2826-34.

Recebido em: 23/11/2016
Revisões requeridas: 07/02/2017
Aprovado em: 09/03/2017
Publicado em: 05/07/2018

***Autor Correspondente:**
Ana Carolina Padua Lopes
Avenida Protásio Alves, 5594, 304,
Alto Petrópolis, Porto Alegre/RS, Brazil
E-mail: kaupadualopes@yahoo.com.br
Telefone: +55 51 9 9525 9768
CEP: 91310 000